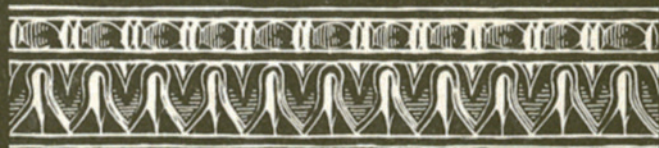


UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
FACULDADE DE LETRAS



# CONIMBRIGA



VOLUMES XXXII - XXXIII - 1993/94

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

ISSN 0084-9189

PUBLICAÇÃO ANUAL

DIRECTOR

JORGE DE ALARCÃO

SECRETÁRIO DE REDACÇÃO

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

**Toda a correspondência (envio de originais e de publicações para  
recensão, pedidos de permuta, etc.) deve ser dirigida directamente ao**

DIRECTOR DO INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

PALÁCIO DE SUB-RIPAS

P — 3000 COIMBRA

---

PEDIDOS:

DIGLIVRO

Rua Ilha do Pico, 3B — Pontinha

P — 1675 Lisboa

MOVILIVRO

Rua Gomes Leal, 93, cv.

P — 4300 Porto

---

*Solicitamos permuta. On prie de bien vouloir établir l'échange.  
Sollicitiamo scambio. We would like exchange. Tauschverkehr erwünscht.*

FACULDADE DE LETRAS  
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

# CONIMBRIGA

*VOLUME XXXII-XXXIII*



UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
1993-1994

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

Professor da Faculdade de Letras de Coimbra

MONUMENTOS EPIGRÁFICOS ROMANOS  
DO MUSEU MUNICIPAL DR. SANTOS ROCHA (FIGUEIRA DA FOZ)  
«Conimbriga» XXXII-XXXIII (1993-1994), p. 295-302

RESUMO: Mostra-se como, apesar de exígua e constituída por monumentos oriundos de várias zonas do País, a colecção de epigrafia romana deste museu é assaz significativa do processo de aculturação entre Romanos e povos indígenas.

RÉSUMÉ: Il y a tout simplement six monuments épigraphiques romains au musée comunale de Figueira da Foz. Santos Rocha, le fondateur du musée il y a une centaine d'années, les a, d'ailleurs, apportés de l'Algarve, du territoire d'*Olisipo*, de celui de la *civitas Igaeditanorum*; il n'y a qu'un des environs de Figueira da Foz.

Malgré, cependant, cette dispersion géographique – due à l'esprit collectionneur des savants du XIX<sup>ème</sup> siècle –, ces monuments sont, chacun de sa façon, assez significatifs du point de vue de l'acculturation entre les Romains et les indigènes de la Lusitanie.



## MONUMENTOS EPIGRÁFICOS ROMANOS NO MUSEU MUNICIPAL DR. SANTOS ROCHA (FIGUEIRA DA FOZ) \*

Jurista por profissão, António dos Santos Rocha constitui o exemplo perfeito do arqueólogo amador de finais do século XIX. Deixa-se seduzir pelo mistério dos monumentos que encontra e forma-se depois em contacto com a bibliografia especializada que procura obter.

Ocupa os seus tempos livres na pesquisa arqueológica, um pouco por toda a parte desde o Centro ao Sul de Portugal. Funda o museu que hoje tem o seu nome, para nele guardar os objectos mais significativos exumados. Cria uma sociedade científica – a Sociedade Archeologica Santos Rocha – aproveitando o entusiasmo que as suas descobertas despertam e para que o trabalho se desenvolva em equipa. Começa a editar um boletim onde publica de imediato os resultados obtidos.

As epígrafes romanas do Museu Municipal da Figueira da Foz são, pois, fruto desta peregrinação de Santos Rocha pelo Portugal romano. A sua recolha não obedeceu a qualquer critério de índole geográfica.

De resto, o epigrafista e o historiador da Antiguidade poderão estranhar desde logo a ausência quase total de monumentos epigráficos romanos na região da Figueira da Foz onde o museu se insere. Na verdade, daqui só provém uma singela placa funerária (n.º 4). E ocor-

---

\* Esta nota foi publicada, pela primeira vez, no volume "*Archeologie ed Ambiente Naturale: Prospettive di Cooperazione tra le Autonomie Locali nel Sud dell'Europa*" editado pela Amministrazione Provinciale di Nuoro (Sardenha), em 1993, pp. 220-223. Atendendo ao facto de se tratar duma publicação de acesso difícil e porque – devido a imperativos de paginação – o texto original saiu truncado, optou-se pela sua reedição. Disponibilizando agora o texto em pdf, pareceu-me oportuno apresentar também, a seguir e levemente corrigida, essa 1ª edição.

rerá indagar do porquê dessa ausência: falta de sistemática pesquisa de campo? reutilização das epígrafes em construções medievais ou posteriores? inexistência de inscrições mesmo na época romana?

Falta de prospecção não há, de facto; reutilização é sempre possível e resta-nos esperar que os edifícios antigos sejam remodelados para que alguma surpreendente descoberta ocorra. Em meu entender, porém, essa falta de inscrições romanas revela, sobretudo, uma escassa densidade populacional. Nessa época, os campos do rio Mondego seriam mais baixos e mais inundados; *Conimbriga* e *Aeminium* (actual Coimbra) polarizariam a vida urbana e as *villae* situar-se-iam mais no interior, de acordo com os preceitos dos agrónomos, longe dos humores perniciosos que vêm do oceano...

\* \* \*

São os seguintes os monumentos epigráficos romanos guardados no Museu Municipal da Figueira da Foz:

### 1 – Foto 1

Ara votiva de granito, com fóculo. Dimensões: 61×33×20 cm. Praticamente intacta, embora o campo epigráfico esteja muito desgastado, nomeadamente na sua metade inferior, o que impossibilita uma leitura garantida das últimas três linhas. Proveio do lugar de Zebras, freguesia de Orca, concelho de Fundão, distrito de Castelo Branco – ou seja, duma zona que, na Antiguidade, poderá ter estado na área de influência da *civitas Igaeditanorum* e que pertenceria, muito provavelmente, ao *Conventus Emeritensis*. N.º de inventário: 8866.

ÂLBINVS

PROCVLI F(ilius)

ARÉNTIO . CRO

ÑISEÑSI . EX VO

5 TO . PISIRI . NOERC

AVI . S(olvit) . M(erito) . L(ibens)

ILER 727; DIP, pp. 98 e 104-106; RAP, n.º 16, p. 287 (com mais bibliografia).

## 2 – Foto 2

Ara votiva de granito, intacta, com fóculo. Dimensões: 54×23××21,5 cm. Proveio de Póvoa da Atalaia, freguesia do concelho de Fundão (como o n.º 1). N.º de inventário: 8640.

VICTO  
 RIAE  
 CVRIVS  
 PRIVATVS  
 V(*otum*) L(*ibens*) S(*olvit*)

Rocha 1908; Vasconcellos 1913, 269; RAP, n.º 447, p. 442.

## 3 – Foto 3

Estela funerária de calcário, lisa, rectangular, sem qualquer decoração. Proveio de Tornada, freguesia do concelho de Caldas da Rainha, distrito de Leiria – região que, na Antiguidade, estava integrada no *Conventus Scallabitanus*.

D(*iis*) . M(*anibus*)  
 MARCO . ALLIO  
 BALBO  
 ANNORVM . XXX  
 5 AVITA . MARCI . F(*ilia*)  
 MATER . F(*aciendum*) . C(*uravit*)  
 S(*it*) . T(*ibi*) . T(*erra*) . L(*evis*)

ILER 4234.

**4 – Foto 4**

Placa funerária, de calcário, rudemente afeiçãoada. Os caracteres não foram cinzelados mas gravados a buril, pelo que não apresentam o habitual talhe em bisel. Proveio do lugar da Pedrulha, freguesia de Alhadas, concelho de Figueira da Foz, distrito de Coimbra – região que pertenceu, na Antiguidade, ao *Conventus Scallabitanus*.

CALAITO  
CAIELI (*filio*) . HI . SITO

EE IX 31.

**5 – Foto 5**

Estela funerária, de calcário, com duplo epitáfio. Frontões triangulares com corola central, separados por medalhão com grinalda. O campo epigráfico ostenta, em baixo-relevo, três colunas estilizadas com volutas nos capitéis. Dimensões: 74×46,8×8,5/13,3. Proveio da necrópole da Quinta de Marim, freguesia de Quelfes, concelho de Olhão, distrito de Faro, no litoral meridional do antigo *Conventus Pacensis*. N.º de inventário: 4224.

D( <i>iis</i> ) M( <i>anibus</i> ) S( <i>acrum</i> )	D( <i>iis</i> ) M( <i>anibus</i> ) S( <i>acrum</i> )
DIONY	MARITIM
SIANVS	A VIX( <i>i</i> )T
VIX( <i>i</i> )T	ANN( <i>is</i> )
ANN( <i>is</i> )	XXV D( <i>ic</i> ) V( <i>iator</i> ) D
XXXVIII D( <i>ic</i> ) V( <i>iator</i> )	D I N I T L
D I N I T L	T T B L
T T B L	

IRCP 45.

**6 – Foto 6**

Estela funerária, de calcário, com duplo epitáfio. Frontão triangular decorado com grande rosácea central e duas laterais, em baixo-



-relevo, estilizadas. O campo epigráfico parece duas páginas dum livro. Dimensões: 92×54,5×8,7/9,7. Proveio, como a anterior, da Quinta de Marim. N.º de inventário: 4223.

D(iis) M(anibus) S(acrum)	D(iis) M(anibus) S(acrum)
PATRICIA VI	PATRICIVS VI
XIT ANNIS XI	XIT ANNIS
D(iebus) IIII	XLIII M(ensibus) III D(iebus) X
	IIII P I S P I

IRCP 49.

\* \* \*

Apesar de pequena, a colecção epigráfica do Museu Municipal da Figueira da Foz é, pois, assaz significativa.

O monumento n.º 1 documenta, no dealbar do século I d. C., o culto prestado pelos indígenas a uma conhecida divindade local, *Arentius*. Devido ao desgaste da pedra, temos infelizmente sérias dúvidas quanto à leitura do epíteto por que era, aqui, invocado este deus: trata-se, certamente, de um epíteto formado a partir do etnónimo identificativo da população de que o deus era protector.

O monumento n.º 2 atesta, por seu turno, um culto clássico, à deusa Vitória, por parte de um membro da *gens Curia*, bastante bem representada no termo da *civitas Igaeditanorum*.

Documenta a epígrafe n.º 3 os primeiros tempos da romanização da área litoral do *Conventus Scallabitanus*. Datável da segunda metade do século I da nossa era, merece referência por apresentar o *praenomen Marcus* por extenso e por a mãe se identificar ainda à maneira indígena, com um só nome, embora já latino (*Avita*).

Particular realce para o n.º 4. Primeiro, porque se destinava certamente a figurar no frontespício de modesto monumento funerário (familiar?). Depois, porque regista uma onomástica onde, em meu entender, se podem detectar vestígios da linguagem oral. Na verdade, a grafia *Calaitus* – por *Calaetus*, que se documenta noutras inscrições da Lusitânia central (ILER 4353 e 6244, por exemplo) – poderá ser entendida como resultante duma sinérese: *ae* > *ai*; *Caelius* poderá ser a transcrição, com epêntese de um I eufónico (para evitar o hiato), do gentílico clássico *Caelius*; e *hi* (com apócope do *e*) é o vestígio duma

pronúncia de *hic* em que o *c* final se não ouviria quase, na linguagem corrente de todos os dias. O mesmo se poderá dizer da omissão de *filio* e de *est*, que facilmente se subentenderiam. Anote-se, ainda, a utilização de um *nomen* como patronímico – o que constitui mais um índice de recente integração no esquema identificativo romano.

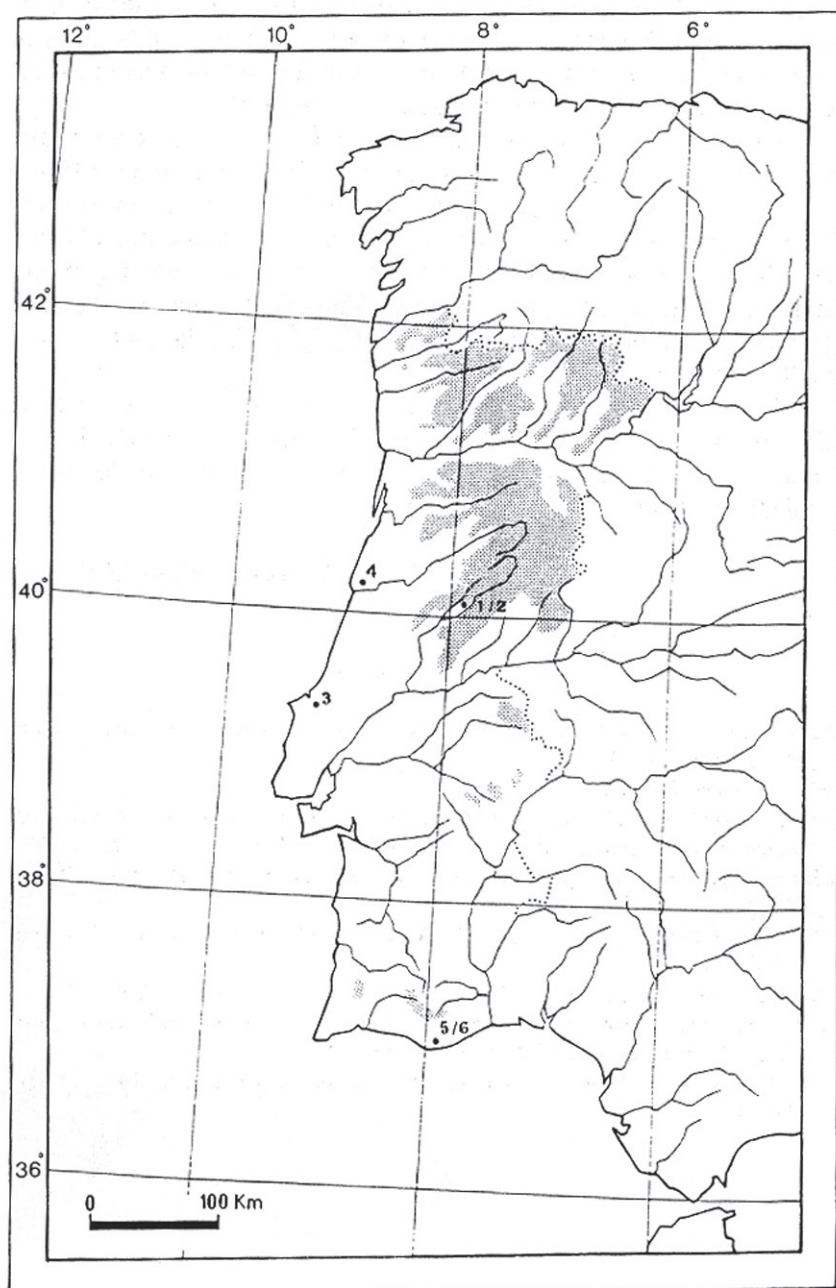
Finalmente, as duas estelas de Marim (n.ºs 5 e 6) confirmam eloquentemente – como já tive ocasião de sublinhar (Encarnação 1991) – que, no processo de aculturação, a adopção das formas externas é rápida (as estelas têm um recorte verdadeiramente clássico), enquanto que o formulário – que implica a alfabetização e maior integração nos esquemas mentais romanos – não é tão facilmente captado. Aqui, o lapicida não compreendeu minimamente o significado das siglas finais que lhe apresentaram em minuta...

Como se vê por este fugaz excursão, também para um epigrafista vale a pena a visita ao Museu Municipal da Figueira da Foz Dr. Santos Rocha, dada a diversidade dos monumentos e atendendo à problemática singular que eles ilustram.

*Cascais, Agosto 1992*

#### BIBLIOGRAFIA CITADA

- DIP = ENCARNAÇÃO (José d'), *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal*, Lisboa, 1975.
- EE = *Ephemeris Epigraphica*.
- ENCARNAÇÃO (José d'), "A necrópole romana da Quinta de Martim: a onomástica enquanto índice sociocultural», *Anais do Município de Faro*, 21, 1991, pp. 229-241.
- ILER = VIVES (José), *Inscripciones Latinas de la España Romana*, Barcelona, 1971 e 1972.
- IRCP = ENCARNAÇÃO (José d'), *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, 1984.
- RAP = GARCIA (José Manuel), *Religiões Antigas de Portugal*, Lisboa, 1991.
- ROCHA (A. Santos), "Ara romana da Póvoa da Atalaia", *Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*, I, n.º 8, 1908, pp. 217-218.
- VASCONCELLOS (José Leite de), *Religiões da Lusitânia...*, III, Lisboa, 1913 (reimp., 1989).



Distribuição geográfica das epígrafes





Foto 1

Fotos de Delfim Ferreira





Foto 2



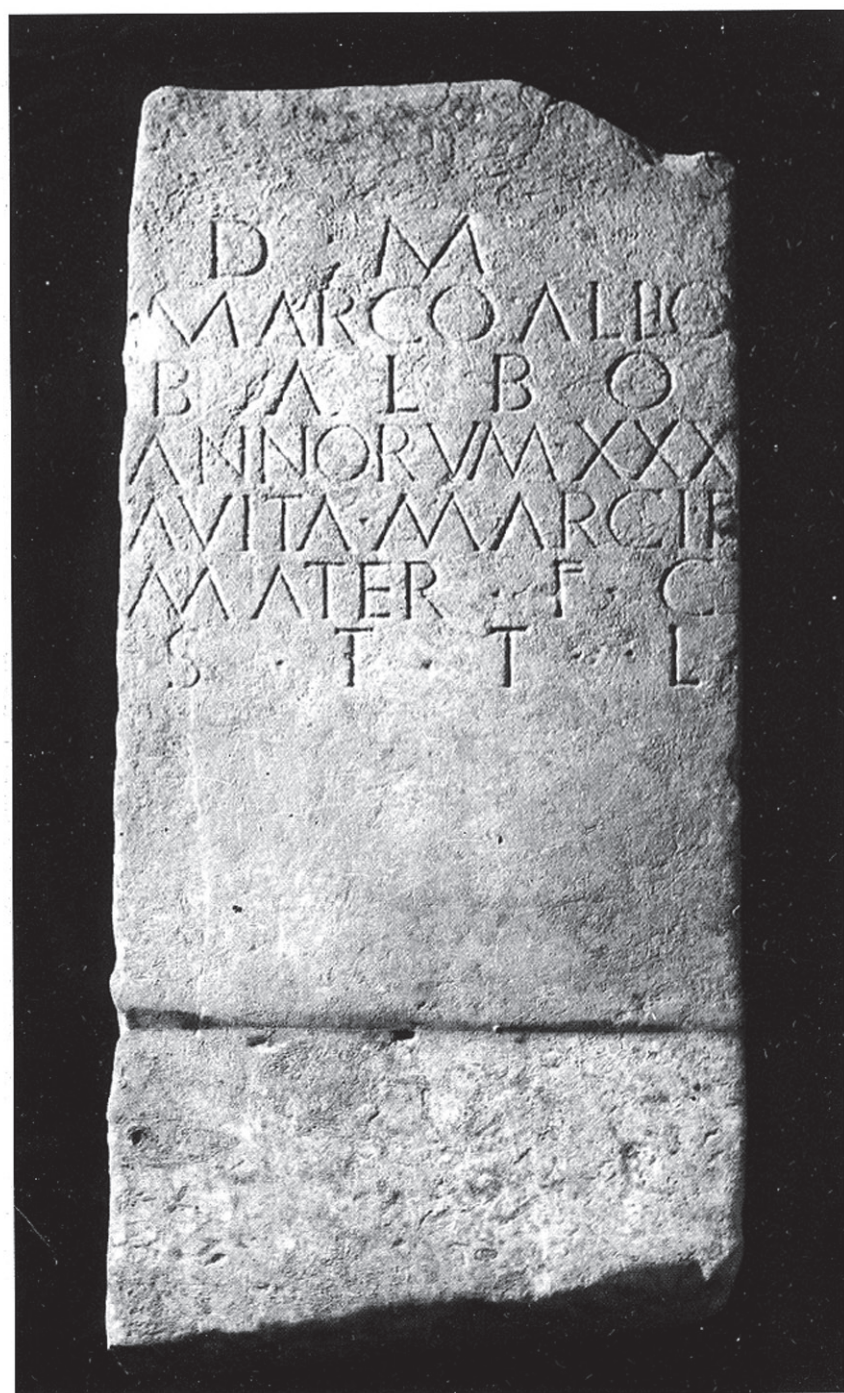


Foto 3





Foto 4



Foto 5





Foto 6





AMMINISTRAZIONE PROVINCIALE DI NUORO

ASSESSORATO ALL'AMBIENTE  
ED ALLA PIANIFICAZIONE TERRITORIALE



# ARCHEOLOGIE & AMBIENTE NATURALE

*Prospettive di cooperazione  
tra le autonomie  
locali nel sud dell'Europa*





**AMMINISTRAZIONE PROVINCIALE DI NUORO**

**ASSESSORATO ALL'AMBIENTE  
ED ALLA PIANIFICAZIONE TERRITORIALE**

# **ARCHEOLOGIE & AMBIENTE NATURALE**

*Prospettive di cooperazione  
tra le autonomie  
locali nel sud dell'Europa*

**A CURA  
DEL  
PROF. ATTILIO MASTINO**

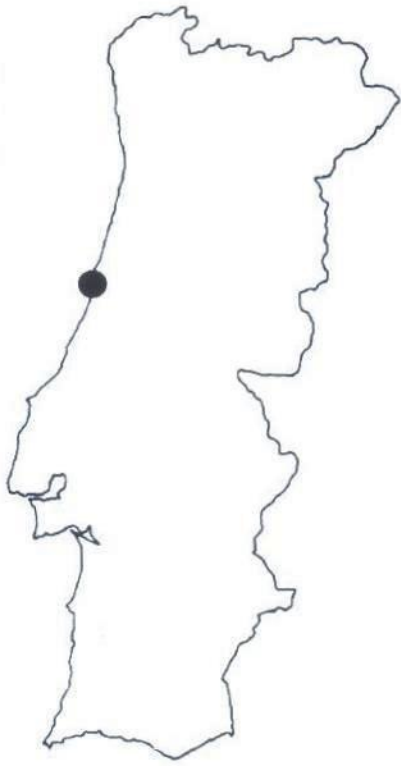
**NUORO  
1993**

*José d'Encarnação*









## MOINHO DAS DOZE PEDRAS

di **Isabel Pereira**

## PALAZZO DI TAVAREDE

di **Ana Paula Cardoso**

## FORTE DI SANTA CATERINA

di **Ana Paula Cardoso**

## CASTRO DE SANTA OLAIA E MONTE DE FERRESTELO

di **Isabel Pereira - Jorge Paiva**

## PRAZO DE SANTA MARINHA: SERRA DA BOA VIAGEM

di **Manuel Alfredo Aguiar de Carvalho**

## PINETA E DUNE DI QUIAIOS

di **Manuel Alfredo Aguiar de Carvalho**

## MONUMENTOS EPIGRAFICOS ROMANOS NO MUSEU MUNICIPAL DR. SANTOS ROCHA

di **José D'Encarnação**



BUARCOS.  
PARROCCHIA  
DI S. PIETRO.  
AZULEJOS  
ISPANO-ARABI.

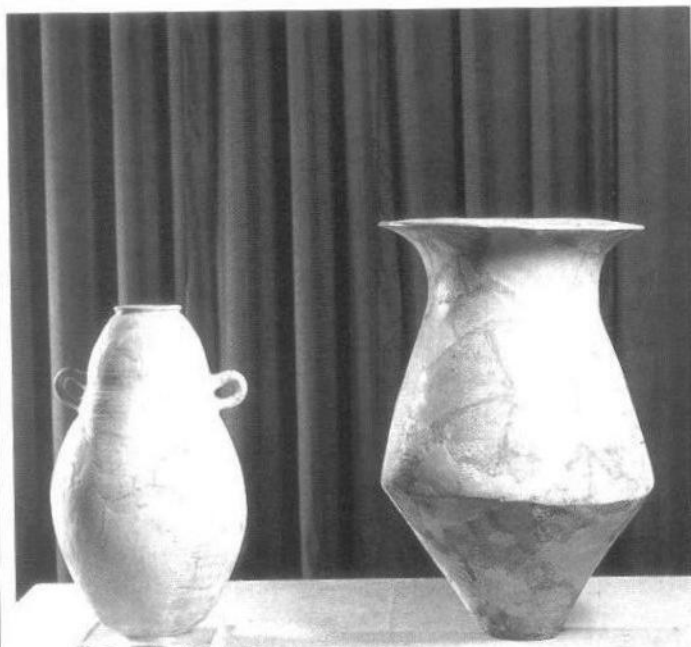
A DESTRA:  
OROLOGIO  
DELLA TORRE.  
AZULEJOS  
DEL SEC. XVIII.

# MONUMENTOS EPIGRÁFICOS ROMANOS NO MUSEU MUNICIPAL DR. SANTOS ROCHA

José D'Encarnação  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

220

**J**urista por profissão, António dos Santos Rocha constitui o exemplo perfeito do arqueólogo amador de finais do século XIX. Deixa-se seduzir pelo mistério dos monumentos que encontra e forma-se depois em contacto com a bibliografia especializada que procura obter. Ocupa os seus tempos livres na pesquisa

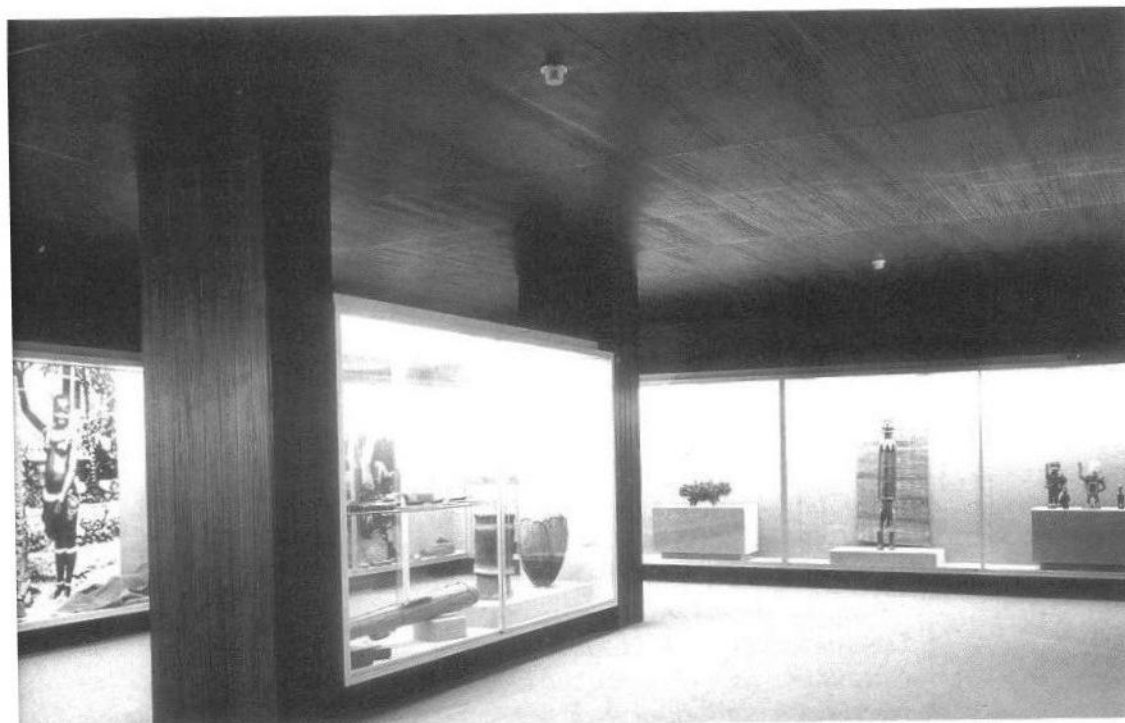


FIGUEIRA DA FOZ  
MUSEU SANTOS  
ROCHA  
SOPRA: CERAMICHE  
DELL'ETÀ DEL FERRO.  
SOTTO: LA SALA DI  
ETNOGRAFIA  
AFRICANA  
Fotografie  
di Delfim Ferreira

arqueológica, um pouco por toda a parte desde o Centro ao Sul de Portugal. Funda o museu que hoje tem o seu nome, para nele guardar os objectos mais significativos exumados. Cria uma sociedade científica – a Sociedade Archeologica Santos Rocha – aproveitando o entusiasmo que as suas descobertas despertam e para que o trabalho se desenvolva em equipa. Começa a editar um boletim onde publica de imediato os resultados obtidos. As epígrafes romanas do Museu Municipal da Figueira da Foz são, pois, fruto desta peregrinação de Santos Rocha pelo Portugal romano. A sua recolha não obedeceu a qualquer critério de índole geográfica. De resto, o epigrafista e o historiador da Antiguidade poderão estranhar desde logo a ausência quase total de monumentos epigráficos romanos na região da Figueira da Foz onde o museu se insere. Na verdade, daqui só provém uma singela placa funerária. E ocorrerá indagar do porquê dessa ausência: falta de sistemática pesquisa de campo? reutilização das epígrafes em construções medievais ou posteriores? inexistência de inscrições mesmo na época romana? Falta de prospecção não há, de facto; reutilização é sempre possível e resta-nos esperar que os edifícios

antigos sejam remodelados para que alguma surpreendente descoberta ocorra. Em meu entender, porém, essa falta de inscrições romanas revela, sobretudo, uma escassa densidade populacional. Nessa época, os campos do rio Mondego seriam mais baixos e mais inundados; Conimbriga e Aeminium (actual Coimbra) polarizariam a vida urbana e as villae situar-se-iam mais no interior, de acordo com os preceitos dos agrónomos, longe dos humores perniciosos que vêm do oceano...

São os seguintes os monumentos epigráficos romanos guardados no Museu Municipal da Figueira da Foz:







**1**  
Ara votiva de granito, com fóculo.  
Dimensões: 61 x 33 x 20 cm.  
Praticamente intacta, embora o campo epigráfico esteja muito desgastado, nomeadamente na sua metade inferior, o que impossibilita uma leitura garantida das últimas três linhas. Proveio do lugar de Zebras, freguesia de Orca, concelho de Fundão, distrito de Castelo Branco - ou seja, duma zona que, na Antiguidade, poderá ter estado na área de influência da civitas Igaeditanorum e que pertenceria, muito provavelmente, ao Conventus Emeritensis. N. de inventário: 8866.

ÂLBINVS  
PROCVLI F(ILIVS)  
ARÉNTIO-CRO  
NISÉNSI-EX VO  
5 TO·PIŢĪRI·NOERC  
AVI-Ş(OLVIT)·M(ERITO)·L(IBENS)

ILER 727; DIP, pp. 98 e 104-106; RAP, n. 16, p. 287 (com mais bibliografia).

**3**

Longa placa de mármore, desenterrada em 1910, em Tornada, freguesia do concelho de Caldas da Rainha (Conventus Scallabitanus), que ostenta a seguinte inscrição, datável da 2ª metade do século I d. C.:

D(is) · M(anibus) / MARCO ALLIO / BALBO / ANNORVM · XXX / 5  
AVITA · MARCI · F(ilia) / MATER · F(aciendum) · C(uravit) / S(it) · T(ibi) ·  
T(erra) · L(evis)

VASCONCELOS (J. L.) transcreve a notícia de um jornal in *O Arqueólogo Português* 15, 1910, p. 322, nº 29; e volta a dar a informação na mesma revista (25, 1921.1922, p. 247), sem se aperceber que já a dera. ILER 4234.



VICTO  
RIAE  
CVRIVS  
PRIVATIVS  
V(OTVM) L(IBENS) S(OLVIT)

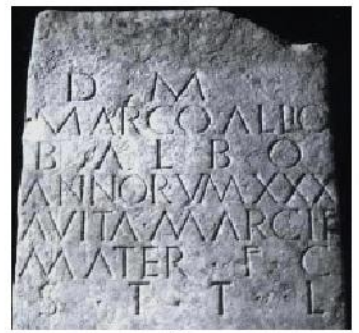
Rocha 1908; Vasconcellos 1913, 269; RAP, n. 447, p. 442.



**4**

Placa funerária, de calcário, rudemente afeiçãoada. Os caracteres não foram cinzelados mas gravados a buril, pelo que não apresentam o habitual talhe em bisel. Proveio do lugar da Pedrulha, freguesia de Albadas, concelho de Figueira da Foz, distrito de Coimbra - região que pertenceu, na Antiguidade, ao Conventus Scallabitanus.

CALAITO  
CAIELI (FILIO) · HI · SITO.



**3**

**2**  
Ara votiva de granito, intacta, com fóculo.  
Dimensões: 54 x 23 x 21,5 cm.  
Proveio de Póvoa da Atalaia, freguesia do concelho de Fundão (como o n. 1).  
N. de inventário: 8640.

FIGUEIRA DA FOZ. MUSEO SANTOS ROCHA. A SINISTRA: ARA VOTIVA DI ARENTIVS. A DESTRA: ARA VOTIVA DELLA VICTORIA. Fotografia di Delfim Ferreira

FIGUEIRA DA FOZ. MUSEO SANTOS ROCHA. PLACCA FUNERARIA IN CALCARE DI CALAITUS. Fotografia di Delfim Ferreira.





5

FIGUEIRA DA FOZ.  
MUSEO SANTOS  
ROCHA.  
SOPRA: STELE CON  
EPITAFIO DI  
DIONYSIANUS  
E MARITIMA.  
A DESTRA: STELE  
CON EPITAFIO DI  
PATRICIA  
E DI PATRICIUS.  
Fotografie  
di Delfim Ferreira.

Estela funerária, de calcário, com duplo epitáfio.  
Frontões triangulares com corola central, separados  
por medalhão com grinalda. O campo epigráfico  
ostenta, em baixo-relevo, três colunas estilizadas com  
volutas nos capitéis.  
Dimensões: 74 x 46,8 x 8,5/13,3.  
Proveio da necrópole da Quinta de Marim, freguesia  
de Quêlfes, concelho de Olhão, distrito de Faro,  
no litoral meridional do antigo Conventus Pacensis.  
N. de inventário: 4224.

D(IIS) M(ANIBVS)	D(IIS) M(ANIBVS)
S(ACRVM)	S(ACRVM)
DIONY	MARITIM
SIANVS	A VIX(IT)
VIX(IT)	ANN(IS)
ANN(IS)	XXV D(IC) V(IATOR) D
XXXVIII D(IC)	V(IATOR) DINITL
INITL	TTBL
TTBL	

IRCP 45.

6

Estela funerária, de calcário, com duplo epitáfio.  
Frontão triangular decorado com grande rosácea  
central e duas laterais, em baixo-relevo, estilizadas.  
O campo epigráfico parece duas páginas dum livro.  
Dimensões: 92 x 54,5 x 8,7/9,7.  
Proveio, como a anterior, da Quinta de Marim.  
N. de inventário: 4223.

D(IIS) M(ANIBVS)	D(IIS) M(ANIBVS)
S(ACRVM)	S(ACRVM)
PATRICIA VI	PATRICIUS VI
XIT ANNIS XI	XIT ANNIS
D(IEBVS) IIII	XLIII M(ENSIBVS)
	III D(IEBVS) X
	III P I S P I

IRCP 49.





Apesar de pequena, a colecção epigráfica do Museu Municipal da Figueira da Foz é, pois, assaz significativa.

O monumento n.1 documenta, no dealbar do século I d.C., o culto prestado pelos indígenas a uma conhecida divindade local, Arentius. Devido ao desgaste da pedra, temos infelizmente sérias dúvidas quanto à leitura do epíteto por que era aqui invocado este deus: trata-se, certamente, de um epíteto formado a partir do etnónimo identificativo da população de que o deus era protector.

O monumento n. 2 atesta, por seu turno, um culto clássico, à deusa Vitória, por parte de um membro da gens Curia, bastante bem representada no termo da civitas Igaeditanorum.

Documenta a epígrafe n. 3 os primeiros tempos da romanização da área litoral do Conventus Scallabitanus. Datável da segunda metade do século I da nossa era, merece referência por apresentar o praenomen Marcus por extenso e por a mãe se identificar ainda à maneira indígena, com um só nome, embora já latino (Avita).

Particular realce para o n. 4. Primeiro, porque se destinava certamente a figurar no frontespício de modesto monumento funerário (familiar?). Depois, porque regista uma onomástica onde, em meu entender, se podem detectar vestígios da linguagem oral. Na verdade, a grafia Calaitus – por Calaetus, que se documenta noutras inscrições da Lusitânia central (ILER 4353 e 6244, por exemplo) – poderá ser entendida como resultante duma sinérese: ae > ai; Caielius poderá ser a transcrição, com epêntese de um I eufónico (para evitar o hiato), do gentílico clássico Caelius; e hi (com apócope do c) é o vestígio duma pronúncia de hic em que o c final se não ouviria quase, na linguagem corrente de todos os dias. O mesmo se poderá dizer da omissão de filio e de est, que facilmente se subentenderiam. Anote-se, ainda, a utilização de um nomen como patronímico - o que constitui mais um índice de recente integração no esquema identificativo romano.

Finalmente, as duas estelas de Marim confirmam eloquentemente – como já tive ocasião de sublinhar (Encarnação 1991) – que, no processo de aculturação, a adopção das formas externas é rápida (as estelas têm um recorte verdadeiramente clássico), enquanto que o formulário – que implica a alfabetização e maior integração nos esquemas mentais romanos – não é tão facilmente captado.



Aqui, o lapicida não compreendeu minimamente o significado das siglas finais que lhe apresentaram em minuta...

Como se vê por este fugaz excurso, também para um epigrafista vale a pena a visita ao Museu Municipal da Figueira da Foz Dr. Santos Rocha, dada a diversidade dos monumentos e atendendo à problemática singular que eles ilustram.

#### Bibliografia citada

DIP = J. D'Encarnação, Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal, Lisboa, 1975.

EE = Ephemeris Epigraphica.

Encarnação (José d'), A necrópole romana da Quinta de Marim: a onomástica enquanto índice sociocultural, Anais do Município de Faro, 21, 1991, pp. 229-241.

ILER = J. Vives, Inscripciones Latinas de la España Romana, Barcelona, 1971 e 1972.

IRCP = J. D'Encarnação, Inscrições Romanas do Conventus Pacensis, Coimbra, 1984.

RAP = J. M. Garcia, Religiões Antigas de Portugal, Lisboa, 1991.

Rocha (A. Santos), Ara romana da Póvoa da Atalaia, Boletim da Sociedade Arqueologica Santos Rocha, I, n. 8, 1908, pp. 217-218.

Vasconcellos (José Leite de), Religiões da Lusitânia..., III, Lisboa, 1913 (reimp. 1989).

FIGUEIRA DA FOZ  
MUSEU SANTOS  
ROCHA. INTERNO  
DELLA SALA DI  
ARCHEOLOGIA.

Fotografia  
di Delfim Ferreira.